

A arte árabe e a teologia islâmica

Aida R. Hanania¹

Resumo: O artigo discute alguns aspectos da arte árabe-islâmica. imagem e palavra. palavra escrita e caligrafia. proibições etc.

Palavras Chave: Alcorão. arte árabe. caligrafia. imagem.

Abstract: This paper discusses some aspects of Arabic-Islamic arts. Image and word, written word and calligraphy, "prohibition" etc..

Keywords: Koran, Arabic arts, calligraphy, image.

Quando nos referimos à Arte Árabe, referimo-nos também à arte islâmica, à que está intimamente vinculada e com a qual, em boa medida, se confunde. Isto porque o conjunto de características que a definem vai se delineando paralelamente à formação da civilização muçulmana, que decorre do movimento expansionista árabe, com o advento do Islão no século VII.

A reflexão sobre qualquer segmento de Cultura Árabe impõe, necessariamente, a consideração de algumas peculiaridades de ordem espaço-temporal, fundamentais a sua conceituação, sob quaisquer pontos de vista.

Tendo início em 622, a formação da almejada "nação árabe" adquiriu seus contornos maiores com a chegada dos muçulmanos à Península Ibérica em 711.

O processo de implantação da língua árabe e da religião islâmica (implicando, naturalmente, o enraizamento cultural árabe) gerou uma realidade bastante complexa, determinada basicamente pela união de várias etnias, culturas e filosofias sob a égide do Islão. Na verdade, o grau de islamização de cada região, país ou grupo social, foi extremamente diversificado, não só porque o momento histórico em que ocorreu era outro, mas - e sobretudo -, em virtude do maior ou menor arraigamento das populações conquistadas a seus valores originais.

Para exemplo, tomemos a Pérsia, à época da arabização, região das mais florescentes sob todos os aspectos, que manteve, com a incorporação dos valores árabes islâmicos, muita autonomia na condução de seu desenvolvimento cultural. Pelas mesmas razões, foi análogo o caso da antiga Síria, crescendo-se o fato de que parte de sua população cristã resistiu à islamização, chegando a preservar - principalmente através da região libanesa - um importante núcleo cristão no Oriente Médio e grande liberdade na determinação dos rumos de sua vida administrativa.

Apegados de modo intenso a sua condição de povo de "amazigh" (homem livre), os berberes, instalados ainda hoje na região do Maghreb, islamizaram-se apenas no século XI, mesmo assim guardando respeito por tradições ancestrais e usando, ao lado do árabe, sua língua berbere original.

¹. Prof. Titular da FFLCHUSP.

É interessante notar que a ordem conferida pelo Islão, ao longo de oito séculos, pôde, em certo momento, aproximar mais culturalmente a Andaluzia do Egito que do Norte da Espanha. A propósito, observa O. Grabar: "No ano 700 de nossa era, é provável que Córdoba e Samarcanda não tivessem conhecimento uma da outra; em 800, faziam parte do mesmo mundo, o que não mais era válido em 1200. Na mesma época, Granada fazia parte da civilização de Samarcanda, mas não mais da de Córdoba. Em 1450, Constantinopla era ainda um bastião da arte bizantina cristã, mas, em 1500, sua produção artística poderia se comparar à de Delhi ou Marrakesh"².



Essa desigualdade, manifesta tanto em dimensão histórico-geográfica, quanto sócio-cultural, por certo repercutiu no modo de expressão artística, levando à coexistência de posturas, mais ou menos rigorosas, no que toca à relação da doutrina islâmica com as culturas pré-existentes nos contextos que iam se arabizando.

Ainda que rápida, uma incursão no domínio da Arte Árabe, a partir de suas origens, revela-nos uma produção tão rica quanto variada, no que se refere à Caligrafia, ao Arabesco, à Arquitetura, à Música... para citar as artes mais proeminentes.

Quando nos detemos nas características mais presentes, nas peculiaridades que configuram a Arte Árabe, para além da adoção de traços ou amalgamento de traços adquiridos pelos caminhos trilhados pela Civilização Árabe, constatamos de imediato, a sensível ausência da imagem na obra de artistas muçulmanos, bem como a fascinação por uma forma decorativa, não figurativa.

² *La Formation de l'Art Islamique*, (col. Idées et Recherches), Paris, Flammarion, 1987, p. 14.

A ausência da imagem trouxe à discussão uma das questões mais significativas, envolvendo a atitude do Islão com relação às artes. A polêmica estabelece-se, basicamente, a partir da dúvida com referência ao fato de a religião muçulmana condenar ou não, a representação de seres animados no plano teológico.

Quando se analisa o texto alcorânico, verifica-se que nele não há interdição alguma ao figurativismo ou à arte em geral. A condenação alcorânica existe, sim, na direção da idolatria, uma vez que "será proscrito todo objeto de arte que se torne cultuado".

Recorrendo-se, entretanto, aos *hadiths*³, verifica-se que em suas declarações, está contida a hostilidade à arte em geral e, particularmente, ao figurativismo. Verifica-se ainda, que a condenação surge com mais veemência contra o artista do que contra sua obra, conforme explicita um de seus mais reconhecidos aforismos: "Os artistas que fazem imagens serão punidos no dia do juízo por um julgamento de Deus que lhe imporá a impossível tarefa de ressuscitar suas obras". Porém, muito embora as afirmações contidas nos *hadiths* adquiram um valor quase canônico, não têm elas a força indiscutível das leis do Alcorão.

Outra razão implícita da condenação do artista e da imagem que produz, escuda-se no fato de que a mensagem teológica central do Alcorão consiste em afirmar a unicidade e o total poder de Deus. A relação dos Atributos de Deus (*Asma` Allah al-Husna*) aponta-nos que um dos qualificativos do Criador é *Al-Mussawwir* (o criador de formas), o mesmo termo utilizado para pintor. A partir daí, todo artista seria um rival de Deus, no exercício de Suas atribuições principais.

A amplitude da questão da imagem tem convocado figuras eminentes do mundo islâmico, dentre elas, a de Algazali, em sua obra *Ihya ulum Al-din (Vivificação das ciências da religião)*, em que, ao enumerar o cortejo de vícios que acompanha os banhos bizantinos situa, em primeiro lugar, "os afrescos, representando seres humanos e animais", não tolerando senão "os que representam árvores, isto é, seres inanimados"⁴.

À medida em que o Islão se expandia; à medida em que, cada vez mais, distanciava-se do universo idólatra que o antecederá; à medida em que se intensificava o contato com a arte dos conquistados, foram sendo reproduzidas realidades inanimadas, como árvores, flores, conjuntos arquitetônicos... Lentamente, tomou lugar a representação de seres vivos: animais, de início, e, mais tarde, esparsamente, a figura humana. A importante arte figurativa árabe muçulmana será a iluminura, miniatura árabe desenvolvida por influência persa.

Entretanto, embora presente de alguma forma, ao longo da história, o percurso da arte figurativa árabe nunca foi tranqüilo: pairou sempre sobre a mão do artista - ainda que de modo não canonicamente explícito - o desprezo pela imagem. A esse respeito, Ibn Rashek afirmou que "os árabes reservaram para si a Arte do Verbo", sobrelevando a produção do espírito e o caráter essencialista da expressão humana.

Verbo que, porém, se transformou em arte. O árabe substituiu a imagem pelo signo, voltando-se ao abstracionismo. A escrita tornou-se o veículo principal da simbologia islâmica.

Signos e símbolos são a matéria privilegiada do pintor espiritualista, e este é exatamente o caso do árabe, que se expressa na arte caligráfica.

Se, para o muçulmano, de início, a tendência ao abstracionismo pôde confundir-se com a transgressão sutil de uma proibição, não tardou a identificar-se inteiramente com ela, a ponto da crítica realizada no mundo islâmico considerar quase que exclusivamente a arte em sua forma abstrata.

³ *Hadiths*, entre nós, *Tradições*, são compilações que se referem à conduta e à fala do Profeta.

⁴ cit. por Mohamed Aziza em *L'Image et L'Islam*, Paris, Albin-Michel, 1978, p. 45.

Se o figurativismo associava-se, de certa forma, à degradação da arte, a arte da Caligrafia estava associada à elevação, à ascese. Ligada à palavra divina, pôs-se à serviço da fé e da beleza. Tornou-se símbolo religioso.

Pertinente, aqui, a palavra de Jamil Almansur Haddad: "O Alcorão pôde dizer que Deus ama a inteligência e ama a Beleza, e, segundo Schuon, o mundo é cheio de sinais, de *ayat*, que são símbolos elementares de música congelada"⁵. E, retomando o calígrafo Massoudy: "Nos edifícios religiosos, a caligrafia se desenvolve como uma obra musical. Ela é espantosa. Só um olhar mais aplicado permite tomar consciência do ritmo e da cadência, elementos essenciais"⁶.



Madrasa em Registan, Samarcanda

Ritmo e cadência obtidos pela repetição das letras, das palavras, das frases... Repetição que é marca profunda do Oriente: "A repetição que é a música, a repetição que é o arabesco, as frases que se repetem infinitamente. Em plano religioso e em plano místico, o *dhikr*: a repetição ininterrupta, pelos tempos infinitos, do nome de Allah, em que o crente se anestesia apenas com a repetição do nome de Deus, que leva ao êxtase, o que, em definição rápida, é o contato direto, imediato com Deus, dispensando intermediários"⁷.

Recebido para publicação em 18-02-16; aceito em 20-03-16

⁵ *O que é Islamismo*, São Paulo, Brasiliense, 1981, p. 44.

⁶ "Escrita e Caligrafia Árabes: A arte de Hassan Massoudy" *Revista de Estudos Árabes*, Ano I, No. 2, 1993, p. 27

⁷ "Interpretações das *Mil e Uma Noites*" *Revista de Estudos Árabes*, Ano I, No. 2, 1993, p.58.